

**Universidade Federal de Juiz de Fora  
Especialização em História da África**

**ESTÉTICA E EMPODERAMENTO: O USO DO LÚDICO EM SALA DE AULA**

**GILMARA CRISTINA DOS SANTOS**

**Juiz de Fora**

**2011**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SANTOS, Gilmaria Cristina dos.  
ESTÉTICA E EMPODERAMENTO : O USO DO LÚDICO EM SALA DE AULA / Gilmaria Cristina dos SANTOS. -- 2017.  
46 p.

Orientador: Fernando Gaudereto LAMAS  
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. lúdico. 2. empoderamento. 3. estética. I. LAMAS, Fernando Gaudereto, orient. II. Título.

GILMARA CRISTINA DOS SANTOS

**ESTÉTICA E EMPODERAMENTO**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao curso de Especialização de História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em História da África.

Orientador: Professor Doutor Fernando Gaudereto Lamas

**Juiz de Fora**  
**2017**

GILMARA CRISTINA DOS SANTOS

**ESTÉTICA E EMPODERAMENTO**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao curso de Especialização de História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em História da África.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me deu saúde, força e sabedoria.

Aos meus pais e ao meu filho Pedro Henrique, amigos, em especial o Fernando que muito contribuiu no meu deslocamento para UFJF.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores que estiveram presente no decorrer do curso e suas instituições que os cederam, a coordenadora da Pós- graduação Dr<sup>a</sup> Fernanda Thomaz, ao MEC que contribuiu junto à coordenação da UFJF pela promoção de Direitos concedidos, ao Meu orientador Doutor Fernando Lamas, ao meu sobrinho Ricardo Júnior e a todos os colegas que se mantiveram firmes durante o curso.

## **RESUMO**

A criança quando chega à escola traz consigo conhecimentos que vão se lapidando através da troca de experiências e vivências compartilhadas entre si no ambiente escolar; O papel do educador é mediar e levá-las a desconstrução desse um universo de conceitos e pré – conceitos que vão surgindo no tempo.

Muitos se espelham no educador que deve está preparado para os desafios que surgem no dia-dia escolar, buscando atualizar- se e elaborar estratégias capazes de estimulá-los em suas a buscas, críticas e reflexões.

Palavras-chave: lúdico. Empoderamento.estética

## **ABSTRACT**

The child when he arrives at school brings with him knowledge that is being stoned through the exchange of experiences and experiences shared among them in the school environment; the role of the educator is to mediate and to take them to the deconstruction of a universe of concepts and preconceptions that go appearing in time.

Many are mirrored in the educator who is prepared for the challenges that arise in the day-day school, seeking to update themselves and to devise strategies capable of stimulating them in their pursuits, criticisms and reflections.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	<b>9</b>
<b>1 Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>2 Estética e empoderamento com base na lei 10645/08</b> .....	<b>13</b>
<b>3 Letramento e jogo</b> .....	<b>16</b>
<b>4 Que os jogos comecem</b> .....	<b>19</b>
<b>6 Elementos motivadores</b> .....	<b>25</b>
<b>5 Conclusão</b> .....	<b>28</b>
<b>6 Referências</b> .....	<b>32</b>



*“Ser feliz é melhor que ser rei!” - Provérbio Africano*

## APRESENTAÇÃO

Sou graduada em Pedagogia desde janeiro de 2005 pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atuo como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e supervisão pedagógica dos anos iniciais do Ensino fundamental na Escola Estadual Teodorico Ribeiro de Assis - Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

Quando surgiu a oportunidade de fazer Pós Graduação em História da África, senti que ainda não tinha conhecimento suficientemente capaz de identificar meu passado e reconstruir meu presente e assim fazer gerar perspectivas, vontade de mudar e estruturar sonhos de um futuro menos flutuante.

Obtive contatos na turma que me levou a compreender “o que se passava comigo”. Era tão coletivo que, nós alunos do curso, fomos dando forças uns aos outros e reconstruindo um alicerce com várias ramificações e direcionamentos à maturidade social, racial e intelectual.

Conhecendo um pouco de África no curso, pudemos ampliar nossos olhares às diferenças e compreender muitas outras situações cotidianas que não eram só nossas.

Ao fim do curso, fomos orientados a desenvolver um material didático como contribuição para o MEC e, a cada leitura, pesquisa, fui destrinchando uma série de peripécias que acabou fazendo parte da minha vida e da vida de muitos colegas.

Decidi desenvolver um jogo de Roleta. Jogo que foi criando asas no tempo através da relação escola e comunidade, escola e sociedade e vice-versa.

Cada vez que eu entro na sala de aula e vejo os alunos serem podados, alienados, sofrendo por padrões que lhes são impostos, repenso minha postura enquanto educadora, cidadã negra que viveu toda essa repressão social e racial. Reflito e vigio para não reproduzi-las de forma alguma.

Vivemos uma escravidão psicológica ao ponto de nos convenceremos que nós somos errados de querer lutar por mudanças, abolir as desigualdades sociais e raciais, desmantelar um conjunto de estereótipos.

É na sala de aula que observo a necessidade da transformação ativa e libertação adquirida por nós, os protagonistas do sufoco, da culpa e da recepção não calorosa e até mesmo forçada.

O jogo que irei apresentar possibilita reflexões e questionamentos sobre mundo, costumes e problematiza questões a respeito de nós mesmos. Pode ser direcionado a crianças de 9 à 11 anos que estejam inseridas entre 3º e 6º ano do ensino fundamental de qualquer escola. O jogo pode ser trabalhado em sala de aula, biblioteca ou sob a mediação de um professor de qualquer disciplina, desde que se tenha introduzido África no contexto escolar dos integrantes do jogo, que se tenha dado algum embasamento aos mesmos para que, ao iniciar o jogo, não discutam sem objetivos. Vale lembrar as regras do jogo, podendo continuar em outras aulas sem perder o foco.

## 1. INTRODUÇÃO

O material a ser apresentado tem como objetivo somar e diversificar as aulas através da realidade, lúdico, imaginação, resistência e comprometimento.

Unir um jogo, uma música, uma brincadeira, imagens ou mesmo histórias a algo que esteja sendo trabalhado em sala de aula ou em ambientes de aprendizagem, nos ajuda a avançar e capacitar profissionais,(que reconhecem a necessidade e potencialidade de sair do comum e do padrão “quadro/giz”, para a possibilidade de se educar, não somente os alunos, mas educar a si mesmo).

O jogo de roleta a ser apresentado traz mais uma forma de brincadeira e, junto consigo, questões que são de grande valia na desconstrução de um cenário que tem sido muito complexo à cerca desse imenso continente que é a África.

Afinal, quando se fala em África, não temos a menor noção do quão esse continente nos remete a um passado “desconhecido” ou conhecido de maneira distorcida, incompleta e declarada por visões ocidentais.

O jogo não pode ser trabalhado sem objetivos, regras e orientações, pois, não podemos aprender jogar esse e/ou qualquer jogo sem sabermos suas consequências, limitações e sem interagirmos de comum acordo. Afinal, podemos adquirir uma série de aprendizagem se soubermos desenvolver todo o processo de trabalho em equipe, numa disputa saudável que venha nos engrandecer e nos tornar elementos construtivos na busca de uma sociedade melhor.

Saber ler e escrever apenas não basta, temos que ser versátil e caminhar sempre em busca do novo, daquilo que possa transformar e fazer a diferença na nossa vida e na do próximo. O fato de uma pessoa não saber ler e escrever, não é capaz de anular sua existência, pois sua contribuição pode ser sancionada naquilo que o outro não obteve tempo de fazer ou experimentar. Todos contribuíram na construção de conhecimentos, de alguma forma.

O conhecimento está conosco e vai se desenvolvendo de acordo e através de nossas experiências, portanto, através de nossas vivências e

oportunidades nos redescobrimos. Ainda somos seres inconclusos que nos espelhamos na natureza do homem para aprimorarmos a nós mesmos.

## 2. “ESTÉTICA E EMPODERAMENTO” COM BASE NA LEI 10645/08.

“É a partir de experiências pessoais e profissionais que venho analisando falas e posturas de cidadãos negros que não se engajam em nenhum padrão ocidental e sem conhecer seu papel na sociedade fica mais difícil ainda adquirir uma postura” (Artigo Corpo e cabelo como símbolo da Identidade Negra- Nilma Lino Gomes)

Nilma Lino Gomes é a Ministra de Estado Chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República – SEPPIR/PR. Pedagoga, mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Foi a primeira mulher negra a chefiar uma universidade federal ao assumir o cargo de reitora pro tempore da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), cargo que ocupou desde abril de 2013.

A fala dessa pedagoga no Youtube muito nos atrai porque são situações vivenciadas por muitos de nós e que nunca obtivemos espaços para esse tipo de conversa e debates sem sentimento de desonra e humilhação.

Quando se fala da beleza negra é possível que haja distorções, deboches e piadas de mau gosto, muito visível esse tipo de comportamento já nas escolas de educação infantil. Assunto que faz repensarmos nossa postura enquanto cidadãos e profissionais da educação.

Com a introdução de estudos sobre o Continente Africano, começamos a compreender a origem de tanta negação e buscamos soluções capazes de mediar tais situações.

É nesse continente que começamos a passear quando consideramos a obrigatoriedade da lei 10.639/03 anulada pela reforma educacional, e citada pela nova LDB como 11.645/08 que vem contemplando História da África, Estudos Afro-brasileiro e Indígena. Isso implica em possibilitar o exercício interdisciplinar entre fatos históricos, geográficos, artísticos, linguísticos e até matemáticos como temas geradores.

O continente africano é o terceiro maior do mundo, contendo 54 países. É banhado a leste pelo **Oceano** Atlântico e a Oeste pelo **Oceano** Índico. Ao norte, é separado do continente europeu pelo Mar Mediterrâneo; e a nordeste, é separado da **Ásia** pelo Mar Vermelho e pelo Canal do Suez, localizado no Egito.



Sabemos muito pouco sobre África, até pouco tempo quando se pensava nesse continente, o que nos marcava eram os estereótipos preconceituosos como escravidão, fome, safári, e tudo que pudesse nos remeter ao exótico.

Faz-se necessário conhecermos para além do “ouvi falar”, afinal, não podemos nos certificar de algo que apenas o outro vivenciou.

Falar de África é falar de ancestralidade, descendência, colonização, política, culturas diversas e incorporar sua atuação no que se diz respeito à construção de “mundo”, já que lá foi o berço da humanidade e de onde saíram braços fortes, conhecimentos matemáticos, linguísticos, religiosos e das mais ricas espécies.

Segundo Anderson Ribeiro Oliva, o artigo de Hebe Maria Mattos, *O Ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil*, merece uma referência à parte. Mesmo guardando ideias gerais, ainda que elucidativas, a autora demonstra sensibilidade e iniciativa ao levar para um palco de discussões maior um assunto lembrado por poucos: o ensino da História da África. Mattos alerta para a necessidade de um redimensionamento teórico e espacial sobre a questão. Se existia uma tendência dos estudos anteriores de olhar o negro no Brasil, a proposta da autora, influenciada pelas reflexões do britânico Paul Gilroy, é de perceber a África, os africanos, e a identidade negra do país dentro de um contexto histórico mais abrangente: o Mundo Atlântico.

Quando se rompe com uma perspectiva essencializada das relações entre identidade e cultura, decorre que qualquer abordagem sobre as ambigüidades da identidade negra no Brasil se torna indissociável do entendimento da experiência da escravidão moderna e de sua herança racializada espalhada pelo Atlântico [...]. Gilroy aborda este processo [a afirmação de novas identidades negras] como construção política e histórica fundada em diferentes trocas culturais (africanas, americanas e europeias) através do Atlântico, desde o tráfico negreiro, na qual a questão das origens interessa menos que as experiências de fazer face à discriminação através da construção identitária e da inovação cultural. (MATTOS, 2003, p.129-130).

Quando se fala na implementação da lei 11.645/08, abre-se a possibilidade de discursos, estudos e pesquisas para clarear o que realmente é o continente Africano, seu desenvolvimento e sua presença em nossas vidas.

Fomos negados a conhecer uma parte de nós, poucos são os livros didáticos e as escolas que apresentam África para seus alunos. Muitos de nós fomos obrigados a sentar e decorar datas, nome de presidentes e personagens que nada contribuía para nossas reais necessidades. Fomos fadados à uma história que privilegiou e deu espaço de voz aos vencedores, aos grandes heróis que a historiografia tanto vangloriou durante o século XIX em sua matriz positivista.

Hoje o silêncio está sendo quebrado e trazendo cada vez mais possibilidades de lutas internas e externas para aqueles que ficaram nos bastidores, que não foram nomeados a nada apesar de suas contribuições. Emerge hoje a necessidade de compreendermos nossa sociedade, retomar o passado para, como os alertou o historiador Marc Bloch, acessarmos o “mito das origens”, não parece tão latente mais. Mais que isso, acessar o passado puro e simples é tarefa um tanto quanto difícil, portanto, Bloch mesmo nos conduz a uma direção de história que abre a possibilidade de olhar para esses agente com mais cuidado pois educamos nosso olhar ao passado através das questões que emergem em nosso tempo presente. E nosso tempo nos provoca constantemente, ainda mais educadores, a compreender e educar á partir das questões e problemáticas que vivenciamos.



### 3. LETRAMENTO E JOGO

" A leitura do mundo precede a leitura dá palavra[...]" Paulo Freire (1996)

A alfabetização e o letramento são muito importantes e é impactante na formação do ser humano desde o surgimento da humanidade. O processo de letramento de cada pessoa tem marcas sociais, familiares, afetivas. Soares, (1996) procura definir o termo letramento como sinônimo de alfabetismo, segundo a autora, não basta somente ler e escrever “é preciso também fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente”.

“O papel do letramento busca as vivências das pessoas contribuindo para uma práxis numa concepção de homem de forma ativa e transformadora.”

“ A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é pratica dá dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, uma realidade ausente dos homens. (Freire,1987.p.70).

Designa-se por letramento (português brasileiro) ou literacia (português europeu), o resultado da ação de ensinar a ler e escrever. É o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. As práticas deste conceito são um fenômeno social e não se limitam somente ao espaço e as relações escolares, suas dimensões abrangem uma nova visão sobre as modalidades de leitura e escrita.

O professor tem o papel de transformar o aluno (a) alfabetizado(a) em uma pessoa letrada e isso se dá através de incentivos variados, no que diz respeito à leitura de diversos gêneros textuais, utilizando-se de exercícios de interpretação e compreensão, em que vários tipos de ferramentas podem ser utilizados. Podem ser usados materiais mais convencionais como livros, revistas, jornais, entre outros e materiais mais modernos como Internet, blogs, e-mails, etc. Também existem muitos jogos, materiais lúdicos

e brincadeiras que incorporam a leitura e tornam o aprendizado mais natural e um pouco mais instintivo - principalmente por parte das crianças.

Portanto, mais importante que decodificar símbolos (letras e palavras), é preciso compreender a funcionalidade da linguagem em suas representações oral e escrita, pois é assim que o sujeito exerce sua cidadania e tem mais oportunidades de agir no mundo de forma autônomo e crítica. Letrar seria então muito mais abrangente que ensinar ler e escrever, é educar a visão do aluno para a compreensão do mundo.

Um dos pensadores que desenvolveu o tema sobre a brincadeira foi Vigotski, pois, acreditava que o homem constituía-se enquanto ser social, mas necessitava de outro para se desenvolver. Vygotsky, ao longo de sua obra, discute aspectos da infância, destacando-se suas contribuições acerca do papel que o brinquedo desempenha, fazendo referência a sua capacidade de estruturar o funcionamento psíquico da criança. O desenvolvimento humano, o aprendizado e as relações entre desenvolvimento e aprendiz. O autor traz também que a criança experimenta a subordinação às regras ao renunciar a algo que deseja, e é essa renúncia de agir sob impulsos imediatos que mediará o alcance do prazer na brincadeira, segundo ele:

“A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer – e ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia a ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinquedo.” (VYGOTSKY, 1998, p. 130)

Daí se vê a importância da brincadeira, do lúdico na aprendizagem, desde o processo da infância.

Por indicar uma vasta gama de práticas sociais no âmbito da cultura escrita, o conceito letramento vem sendo acompanhado por adjetivos que buscam delimitar cada uma de suas dimensões, sendo possível encontrar

estudos sobre letramento matemático, literário, musical, científico, etc. Tal diversidade vem sendo objeto de vários estudos, como por exemplo, os trabalhos de (2012) e Cosson (2004).

No último capítulo do livro de Rojo (2002) destaca a importância do letramento em todas as instâncias da vida do sujeito, a inserção da tecnologia no nosso cotidiano, a mídia, a escola e a não associação desses processos enquanto elementos qualitativos de rendimento, serventia a dispor do saber.

*"busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural." (ROJO, 2012, p.98).*

#### **4. QUE OS JOGOS COMECEM...**

O jogo de roleta que irei apresentar unificará esses objetivos às outras habilidades interdisciplinares como está preparado para desenvolver temas associados à *Lei 11.645/08*, no que diz respeito à inclusão da História da África e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

##### **O Jogo de Roleta terá as seguintes peças:**

- 1 roleta;
- 1 tabuleiro no formato de mapas, África-Brasil (trajeto);
- 4 pirâmides que servirão de pinos para andar no tabuleiro;
- 40 cartas com perguntas e orientações que servirão de norte para utilização do tabuleiro;
- 1 dado.

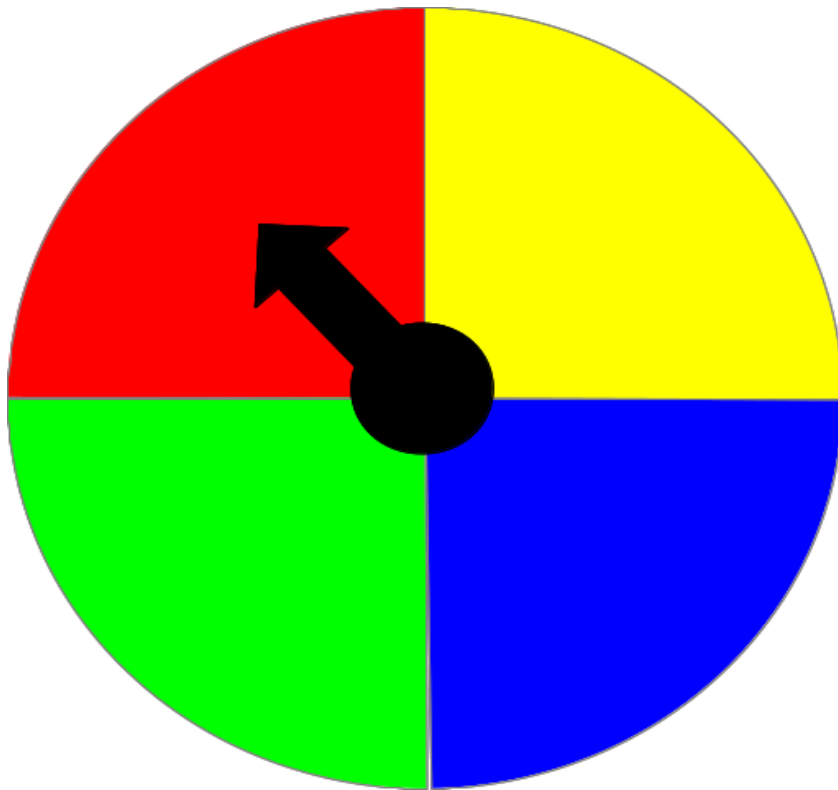
##### **Regras do jogo:**

Após definir o número de candidatos e definirem quem irá jogar o dado primeiro para montar a sequência de jogadores e rodadas, que pode ser determinado no par ou ímpar, zerinho ou um, ou no próprio dado, como achar melhor os jogadores.

Começa o jogo, o primeiro jogador roda a roleta e pega o cartão com a cor que a bolinha indicar, ler a pergunta para os outros jogadores, dialogam e tentam responder com mais proximidade possível sob mediação do professor.

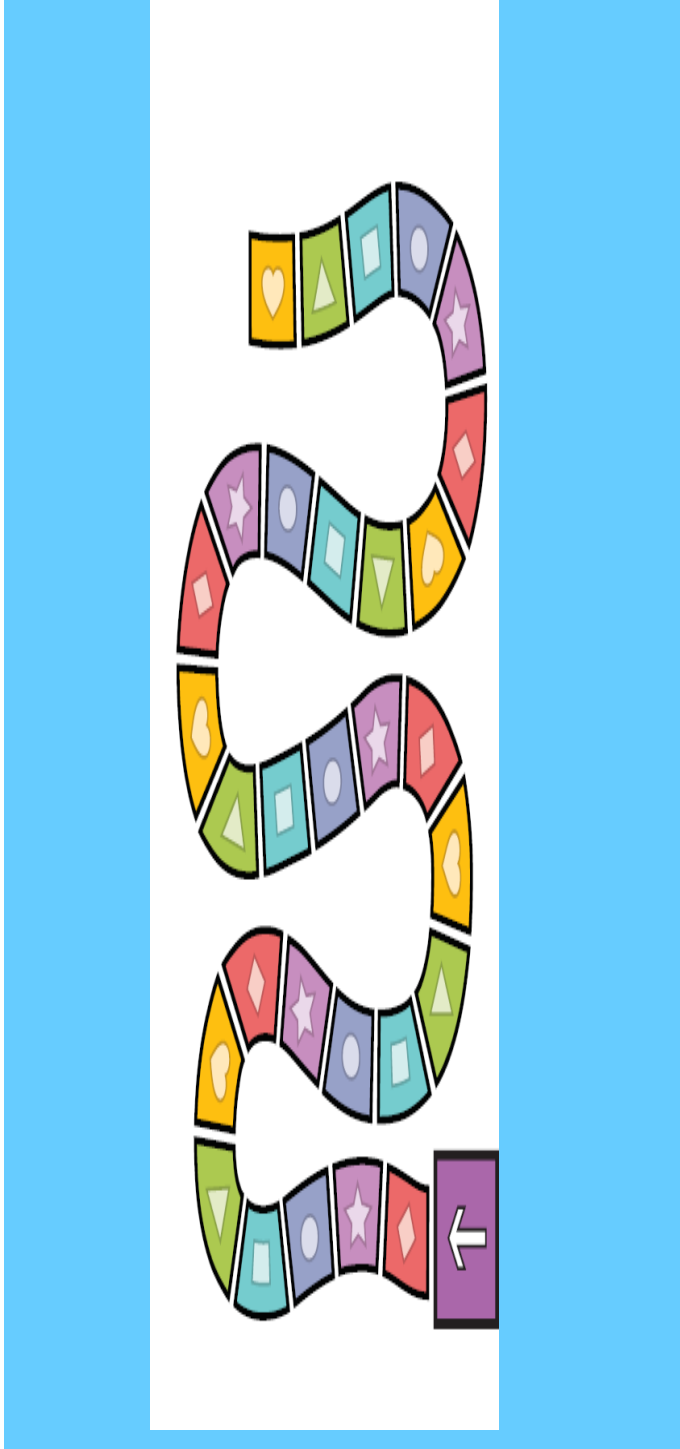
A própria carta indicará o trajeto que o jogador fará com sua pirâmide, dando a vez ao próximo e assim por diante.

Imagem 1 - Roleta





Brasil



África

## Cartas com perguntas:

Seu cabelo é crespo e não se parece com o da colega. Por um momento, alguém a ridiculariza. O que responde?  
**Ande 1 casa se souber responder ou volte 1 casa se não responder.**

Em Moçambique, país africano, usam tecidos coloridos chamados Capulanas e com bastantes formas geométricas. No Brasil veio em forma de moda, você usaria com naturalidade? Por quê?  
**Pule 1 casa**

Mulheres Black Power-cabelos alto, são extremamente empoderadas. Que Continente nos traz essa herança?  
**Se acertar ande 1 casa.**

No Congo as mulheres usam faixas e turbantes lisos ou coloridos e tem uma representatividade... Qual a função desses acessórios utilizados por nós?  
**Permaneça na mesma casa**

## Perguntas como sugestão para a elaboração dos cartões:

1. Sai de casa de capulana amarrada na cabeça, uma blusa simples e lenço de capulana na cabeça e as pessoas olhavam-me como se eu fosse um extraterrestre, qual deveria ser minha postura? **Jogue o dado e ande o número de casas**
2. Sou modelo fotográfica, negra, venho do Congo para fazer um trabalho cinematográfico no Brasil, como vocês irão me receber? **Pule uma casa**
3. Meu namorado é etíope e minha família não gosta de negros, como apresentá-lo? **Jogue o dado e ande casas**
4. Quando apresento meu namorado africano a minha família e anuncio o casamento, eles reagem de forma repugnante. E agora?
5. Sou branca e tenho filhos afrodescendentes, como fazê-los entender que também são negros? **Pule uma casa**

6. Sou menino e resolvi usar meu cabelo com tranças Nagô, como enfrentar o preconceito com segurança? **Ande uma casa**
7. Sou negra e pretendo me tornar presidente do Brasil, como serei abordada na eleição?  
**Jogue o dado e ande casas**
8. Patrícia é loira e brinca de escritório de direito com Luan (negro) e Luidy (loiro), quais dois ela escolherá para ser seu advogado e por quê? **Permaneça onde está**
9. Como se dá o empoderamento da mulher negra no Brasil ? Por quê? **Jogue o dado e ande casas**
10. Na frase “Vim de Luanda, meu pai é Rei; Eu sou Princesa Negra, Minha palavra é lei” o que representa para você? **Pule duas casas**
11. Tenho muitas bonecas negras e irei doá-las, quem as aceitaria e por quê? **Jogue o dado e ande casas**
12. Tenho cabelos Black Power e sugeriram que eu prendesse ou alisasse. O que acham e por quê? **Responda e passe a vez**
13. Na escola onde estudo, houve uma infestação de piolhos e sou uma das poucas com cabelos crespos. A professora e alguns colegas olharam para mim, como reagir? **Jogue o dado e ande casas**
14. No Congo as mulheres produzem 80% dos alimentos em África e necessitam da autorização do marido para abrir uma conta bancária? Se fosse você o que faria para mudar essa realidade?  
**Jogue o dado e ande casas**
15. Sua mãe é branca e você afrodescendente como declarar sua cor e por quê? **Responda e permaneça onde está**
16. Um menino da sua turma usa turbante e quase não tem amigos, é vítima de racismo. Como aproximá-lo? **Pule duas casas**
17. O que diferencia o Brasil da África do Sul? **Jogue o dado e ande casas**
18. Seu cabelo é crespo e não se parece com o da colega. Por um momento alguém a ridiculariza. O que responder? **Ande uma casa**
19. Em Moçambique, país africano, usam tecidos coloridos chamados Capulanas e com bastantes formas geométricas. No Brasil veio em forma de moda, você usaria com naturalidade? Por quê? **Pule uma casa**
20. Mulheres Black Power-cabelos alto, são extremamente empoderadas. Que Continente nos fornece essa herança? **Se acertar ande uma casa.**
21. No Congo as mulheres usam faixas e turbantes lisos ou coloridos e tem uma representatividade... Qual a função desses acessórios utilizados por nós? **Permaneça na mesma casa**
22. Como empoderar uma criança negra na escola? **Ande uma casa**
23. Qual a função do Movimento Negro? **Ande uma casa**
24. O que representa para você a lei 11.645/08? **Jogue o dado e ande casas**



25. O que entendemos por religiões de Matriz africana? **Jogue o dado e ande casas**
26. Como os africanos contribuíram para nossa nação e como valorizá-los? **Ande uma casa**
27. O que é Griot e quem na nossa família poderia “representá-los”? **Jogue o dado e ande casas**
28. Por que falar de África parece exótico? Como desconstruir essa ideia? **Jogue o dado e ande casas**
29. Sou de religião de matriz africana e você não, podemos nos entender de que forma? **Ande uma casa**
30. O afoxé é um instrumento afro brasileiro, você conhece outros? Quais? **Ande uma casa**
31. Qual a relação dos quilombos na vida dos escravos refugiados e afrodescendentes? **Jogue o dado e ande casas**
32. Se um colega chamar o outro de macaco, o que você faria para mediar a situação?
33. Se seus pais cometessem atos raciais como você os abordaria? **Jogue o dado e ande casas**
34. Crioulo em África significa língua e por que usamos de forma pejorativa para designar negros no Brasil? **Jogue o dado e ande casas**
35. Se fosse dito para você que negro tem que namorar negro e branco namorar branco, como você se sentiria sabendo que não temos total controle das emoções? **Ande uma casa**
36. Se alguém disser que você tem cabelo ou cor de africano, você reage ou se encolhe?
- Jogue o dado e ande casas**
37. Você acha certo o ditado: “O branco nasceu para mandar e o preto para trabalhar”? **Jogue o dado e ande casas**
38. Julgar o Negro pela aparência e impedi-lo de suas conquistas podem causar a morte do sujeito? Como desconstruir essas ideias? **Jogue o dado e ande casas**
39. Mandinga é uma palavra que significa grupos étnicos em África e no Brasil utilizam como “macumba”, Como trabalhar essa ideia? **Jogue o dado e ande casas**
40. Como lidar quando se percebe ato de racismo, mesmo que de forma camuflada? **Jogue o dado e ande casas**

## 5. ELEMENTOS MOTIVADORES

Com o fim do Estado Novo, surgiu a Constituição de 1946 e que trouxe dispositivos dirigidos à educação, como a gratuidade para o Ensino Primário e a manutenção da mesma na sequência dos estudos, para aqueles que comprovassem falta de recursos. Em 1948, também surgiu a discussão para uma Lei de Diretrizes Básicas, a partir da proposta do deputado Clemente Mariani. Depois de treze anos de debates das escola novistas e também de católicos tradicionalistas, como o padre Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima, além do "Manifesto dos Educadores Mais uma Vez Convocados" (1959), assinado por Fernando de Azevedo e mais 189 pessoas, foi aprovada a Lei nº 4.024/61, que instigou o desencadeamento de vários debates acerca do tema.

Com a maciça expansão do pós-guerra, que dura até hoje, o governo do Brasil centrou seus investimentos na educação superior e, conseqüentemente, negligenciou a assistência aos ensinos básico e secundário.

Vivemos num país onde a educação levou anos para se tornar pública e ainda hoje não atende as reais necessidades mantendo os padrões ocidentais. Outro grande problema na educação brasileira, atualmente - nas escolas públicas em geral, principalmente no ensino fundamental e médio - é a violência e o *bullying*, que é criticada principalmente pelos responsáveis dos alunos, que estão preocupados com a segurança.

*De uma juíza, quando ela perguntou por que eu estava andando com a filha dela e desencaminhando uma menina de família, que ela descobriu que a filha estava usando droga e se prostituindo, me perguntou onde eu e meus colegas morávamos e se trabalhávamos. Disse que a devíamos está em casa lendo e que éramos um bando de marginais. Sem contar que havia uma blazer da PM na rua de baixo para qualquer atitude nossa. (R., 19).*

*Já chegaram perto de mim, não agora mais antes e me perguntaram por que eu não aliso meu cabelo pq parecia uma juba de leão, ai falei que o cabelo era meu e uso ele do jeito que eu quiser. (A., 35).*

*Já com minha boca na escola um tempão. (I., 22).*

Tal prática é questão que se relaciona diretamente com a questão racial. Dentro da ampla dimensão da prática o que percebemos é a questão racial latente nas práticas de opressão, sobretudo, dentro do ambiente escolar. Durante o processo de produção deste trabalho e que me motivou, em certa medida, pode ser percebido nos relatos<sup>1</sup> de amigas e alunas abaixo. Identificamos nesse movimento que o bullying acaba por incorporar o racismo, ou o contrário, o racismo incorporando em suas a opressão do bullying.

As lei de Diretrizes e Bases (LDB) incita que a educação ocorra de forma ampla e a educação escolar de forma específica. Respeitando e fazendo se cumprir diversas outras leis, como a lei 12.796/13, que faz uma consideração à diversidade etno racial, a lei 12.960/1, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para fazer constar a exigência de manifestação de órgão normativo do sistema de ensino para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas. E a lei 11.645/08, que diz respeito à inclusão da História da África e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também fala que a criança e o adolescente tratado como objetos, tenham seus direitos reconhecido e cumprido, o que transforma a sociedade é o efetivo exercício dos direitos reservados a eles, uma sociedade livre, justa e igualitária. Artigo 71 diz que a criança e o adolescente tem direito à informação, cultura, lazer, esporte, espetáculos, respeito à capacidade e intervenções e direitos. Assim como os artigos 26 A e 79 A que mencionam a lei 10.639/03 que foi complementada e mantida que é 10.645/08.

Este estudo se justifica diante da necessidade de compartilhar práticas positivas com a problematização da vida cotidiana a partir da estilização em África. Acredito que o jogo é capaz de dialogar com o ECA, pois como referenciado acima, os artigos 26 A e 79 A- falam da necessidade da aplicação da lei 10.639/03-11.645/08 e com relação à LDB se justifica pelo direito do aluno que está ligado a aprendizagem curricular e extracurricular que vem abranger a realidade do aluno e fazer cumprir uma educação de qualidade ....

---

<sup>1</sup> Nos relatos não serão revelados os nomes, por mais que as pessoas autorizaram, a preferência é de mate-las no anonimato, trazendo a fala em itálico e somente a primeira letra e idade das pessoas

Muitos dos problemas sociais e raciais vivenciados nas escolas se dão a partir da negação. O fato de não se cumprir as leis e deixarem brechas para a fuga e a não obrigação, impedindo que nossas crianças cresçam em ambientes ilimitados e com seus direitos reconhecidos, a aplicação da lei faz com que os negros deixem de ser invisíveis em seus processos históricos e culturais no Brasil e no mundo.

A sala de aula junto com novas experiências epistemológicas renova saberes, dando suporte ao educador e ao educando para a busca de cada vez mais empoderar-se e ocupar se de sua trajetória.

## 6. CONCLUSÃO

Discutir a estética, empoderamento de forma coletiva possibilita todos poderem expressar opiniões e terem voz, mesmo crianças não negras, através da possibilidade de ter contato com outras realidades que não sejam as delas e vice-versa. Objetivando o fato de que a vida não é um simples jogo, porém, causadora de grandes e infinitas realidades e fazer perceptíveis à importância do negro no Brasil.

Através de mais uma ferramenta, acredito ser possível viabilizar novos canais de conhecimento, explorando a ludicidade no ambiente escolar.

A palavra “jogo” etimologicamente origina-se do latim *iocus*, que significa brincadeira, divertimento. Em alguns dicionários da Língua Portuguesa aparece à definição de passatempo, atividade mental determinada por regras que definam ganhadores e perdedores.

Numa de suas palestras Airton Negrine (1997) diz que

“... a palavra “jogo” apresenta significados distintos uma vez que pode ser entendida desde os movimentos que a criança realiza nos primeiros anos de vida agitando os objetos que estão ao seu alcance, até as atividades mais ou menos complexas...” (NEGRINE,1997, p.44).

Pode-se dizer então que a palavra “jogo” apresenta múltiplos significados, desde uma brincadeira com fins restritos em diversão até as atividades mais complexas com intuito de adquirir novos conhecimentos.

Segundo Gilda Rizzo (2001) “os jogos, pelas suas qualidades intrínsecas de desafio à ação voluntária e consciente, devem estar, obrigatoriamente, incluídos entre as inúmeras opções de trabalho escolar.”.

O objetivo principal do jogo como atividade lúdica é permitir ao grupo que está jogando, conhecimento de maneira gratificante, espontânea e criativa não deixando de ser significativa independente de quem o joga, deixando de lado os sistemas padronizados e impostos numa configuração arrogante advinda de cima para baixo.

Trabalhar com os jogos na sala de aula possibilita diversos objetivos, dentre eles, podemos pontuar os seguintes:

- Desenvolver a criatividade, a sociabilidade e as inteligências múltiplas;
- Dar oportunidade para que aprenda a jogar e a participar ativamente;
- Enriquecer o relacionamento entre os alunos;
- Reforçar os conteúdos já aprendidos;
- Adquirir novas habilidades;
- Aprender a lidar com os resultados independentemente do resultado;
- Aceitar regras;
- Respeitar essas regras;
- Fazer suas próprias descobertas por meio do brincar;
- Desenvolver e enriquecer sua personalidade tornando-o mais participativo e espontâneo perante os colegas de classe;
- Aumentar a interação e integração entre os participantes;
- Lidar com frustrações se portando de forma sensata;
- Proporcionar a autoconfiança e a concentração.

Nota-se também entusiasmo sobre o conteúdo que está sendo trabalhado por haver uma motivação dos educandos em expressar-se livremente, de agir e interagir em sala de aula. Lembrando sempre que os jogos devem está devidamente associado aos conteúdos e aos objetivos dentro da aprendizagem, auxiliando a parte teórica, tornando o ensino mais prazeroso apresentando criticas construtivas que agreguem ao trabalho dos profissionais da área da educação e dos interessados no desenvolvimento de determinadas ideologias.

Diante de tal objetivo, os jogos escolhidos pelos educadores para trabalhar precisam ser estudados intimamente e analisados rigorosamente para serem de fato eficientes, porque os jogos que não são testados e pesquisados não terão seu exato valor, tornado-se ineficazes, obviamente, uma atividade lúdica nunca deve ser aplicada sem que tenha um benefício educativo. O professor pode criar seus próprios jogos, a partir dos materiais disponíveis na

instituição de ensino em que leciona ou até mesmo na sala de aula, porém precisa atentar para a forma de como serão trabalhados, não esquecendo os objetivos e o conteúdo a ser desenvolvido. O educador precisa ter muito mais força de vontade, criatividade, disponibilidade, seriedade, competência que dinheiro para construir um jogo.

Para Celso Antunes (2003)

O jogo é o mais eficiente meio estimulador das inteligências, permitindo que o indivíduo realize tudo que deseja. Quando joga, passa a viver quem quer ser, organiza o que quer organizar, e decide sem limitações. Pode ser grande, livre, e na aceitação das regras pode ter seus impulsos controlados. Brincando dentro de seu espaço, envolve-se com a fantasia, estabelecendo um gancho entre o inconsciente e o real” (ANTUNES, 1988, p.40).

De acordo com Celso Antunes, pode-se afirmar que a ludicidade do jogo proporciona momentos mágicos e únicos na vida de um indivíduo, pois no mesmo instante que diverte, ensina e desenvolve o raciocínio e a criatividade além de obter responsabilidade diante da situação colocada a ele.

Diante de tudo que fora mencionado, pode-se dizer sem sombra de dúvida que o lúdico é importante sim para uma melhoria na educação e no andamento das aulas, provocando uma aprendizagem significativa que ocorre gradativamente e inconscientemente de forma natural, tornando-se um grande aliado aos professores na caminhada para bons resultados.

É dever do professor mudar os padrões de conduta em relação aos alunos, deixando de lado os métodos e técnicas tradicionais acreditando que o lúdico é eficaz como estratégia do desenvolvimento na sala de aula.

Espera-se que esta proposta de abordagem vá de encontro com o que foi proposto realizar e, essencialmente, que seja de suporte para professores que já atuam no ambiente escolar, e aos futuros professores, visando tornar suas aulas mais dinâmicas. Com isso busco trazer a necessidade e possibilidade da sala de aula se transformar num lugar prazeroso, construindo a integração entre todos que a frequentam.

Problematizar situações que ajudem as crianças construir identidades, percebendo-se protagonistas da própria história, penetrando em outro continente e abstraindo suas influências e todo legado deixado por nossos ancestrais.

Incorporar questões que fazem com que o jogador ou mesmo o mediador reflita sobre o ato de fazer críticas negativas ao próximo, ato de não querer está perto do outro pela cor da pele, religião, tipo de cabelo, etnia ou sua genética em geral...

O professor que optar em complementar seu trabalho com esse jogo e com seus alunos, deverá está ciente de que o jogo tem objetivos que devem estar associados à outras informações e aprendizagens para que o aluno desperte interesse em jogar, levando a sério os objetivos.

O embasamento desenvolvido pelo mediador pode aplicado em rodas de conversas, pesquisas, blogs, entrevistas e intervenções para que o aluno consiga responder as questões propostas pelo jogo.



### Referência bibliográfica:

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Câmara dos Deputados. Brasília, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. Ministério da Educação. Brasília, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª Ed. São Paulo: contexto, 2014.

VIGOTSKI, Lev S al. (1988), **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, SP: Ícone/EDUSP.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escolas e inclusão social**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

MALACHIAS, Rosângela. **Cabelo Bom. Cabelo Ruim**. ISBN, 2007. Coleção Percepções das diferenças: Negros e Brancos na Escola – Volume 4.

PEREIRA, Almicar Araújo (org.). **Educação das Relações Étnico-Raciais no Brasil: trabalhando com histórias e culturas africanas e afro-brasileiras nas salas de aula**. Fundação Vale, Brasília, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo: USP, 2002 (tese: doutorado).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. F934p, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Antunes, Celso. **Os jogos e a educação infantil**. São Paulo: Cirando Cultural, 2010. 86 p. ISBN 9788538014256.

LISBOA, Monalisa. A importância do lúdico na aprendizagem, com auxílio dos jogos. <http://brinquedoteca.net.br/?p=1818>

# UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

## PORTIFÓLIO / PÓS-GRADUAÇÃO: HISTÓRIA DA ÁFRICA - 2015-2017



Escrita de Si

Juiz de Fora 20 de julho de 2016

Durante esse período em que venho me deliciando nos estudos sobre História da África vejo o quão fui inerte às possibilidades de crescer e enxergar que era “possível”, o mundo que sonhei poderia ter sido mais árduo, porém, real. Hoje tenho a certeza de que nunca é tarde para se redescobrir, se refazer e construir novos horizontes.

Quando me inscrevi no curso, pensei na possibilidade de obter uma pós-graduação que parecia muito distante da minha realidade, apesar de saber que estudaria assuntos relacionados às minhas limitações. Cheguei a julgar-me incapaz, mas junto a isso, veio à história de um povo e de um continente que me auxilia na quebra de padrões e traz para minha vida à soma de infinitos saberes.

Estudar o continente africano me faz sentir um pedacinho do passado que hoje pode ser transformado, me faz refletir sobre aquelas referências que me faltaram, que deixaram espaços amargos em minha vida, mas que por outro lado me ensina lutar e não reproduzir cargas negativas capaz de manter o “epistemológico ocidental”.

Mesmo com toda dificuldade sou uma das poucas negras de “classe C” e a única dos filhos de Isabel Marcolina dos Santos e Pedro Afonso dos Santos<sup>+</sup> que havia chegado até aqui. Pois, somente agora meu sobrinho está inserido no curso superior de uma Universidade Federal, mesmo assim, ainda lutamos na família com as diferenças raciais e sociais, que sempre nos fizeram ficar à margem da sociedade porque nos faltava forças e ferramentas para enfrentar a opressão...

Quando penso na diversidade cultural em África, diminui quase que oitenta por cento dos meus medos e receios com relação à religião e normas sociais ditadas e engessadas. Olho para minha infância e adolescência com pesar, mas carrego a certeza de que a geração de hoje irá vivenciar de forma graduada todo esse processo de aprendizagem que estamos levando para as salas de aula, comunidades e eventos culturais. Apagar essa marca será difícil, pois já faz parte da nossa história, desconstruir todos esses estigmas e problematizá-los pode e fará com certeza nosso mundo melhor.

Estudar África me fortalece cada dia mais no que diz respeito intelectualidade política sociocultural, pessoal e religiosa. Faz-me empoderada, crente em mudanças e segura de que, hei de tomar posse de tudo àquilo que busco. Galgar meu espaço hoje é sair do que chamam de vitimismo da escravidão e apresentar o que representa África em mim. É Preciso ainda muito envolvimento e leitura sobre o tema, mas vejo que a cada aula me complemento e também me comprometo a buscar cada vez mais.

Minha identidade nesse momento se declara no seguinte provérbio: “O tempo dá, O tempo tira e a folha vira”.

Juiz de fora 12 de setembro de 2016-09-12

Esta foi uma intervenção que fiz durante uma apresentação na casa do conselho para mostrar como estava sendo trabalhada a questão da lei 10.639/03.

Escolhi o tema empoderamento com base na questão de identidade que parecia cada vez mais forte dentro da minha escola. Uma escola localizada em um bairro de alta vulnerabilidade com a maioria negra e muito pouca referência.

Partimos das atividades que já estavam sendo desenvolvida pelos alunos, cujos pais quando não são presos, são usuários de droga, alcoólatras e desempregados. Crianças que com idade de brincar já vivem uma árdua realidade de exclusão social.

Todos os dias é uma batalha, pois a escola lhes serve de consolo, única ferramenta de confiança e que não estava sendo bem utilizada até então. A diretora começou abrir portas para vários projetos de engajamento sociocultural. Daí foi um pulo para alcançar objetivos e atender as expectativas planejadas.

Os alunos que se sentiam incapazes, feios e excluídos começaram a ganhar voz e se destacar de alguma forma, pois a percepção vai aflorando e dando cada vez mais segurança a cada um deles. Descobriram que essa visão de que no continente africano só existe pessoas pretas, “feias” e pobres, foi caindo por terra porque começaram a perceber eram muito parecidos e não tinham do que se esconder.

Nos vários eventos da escola descobri-se vários talentos, em qualquer que seja a habilidade.

A questão da pele e /ou do cabelo deixa de ser um obstáculo para maioria. Porém, lembrando que tudo isso vai além da pele.

Fiz uma mistura nas fotos durante a apresentação para mostrar a diversidade desta escola.

Ainda não havia sido trabalhada África intensamente, porque eu não tinha consciência da riqueza a ser explorada. Mas foi através do curso que comecei engatinhar e acabei por levar esta estrutura a Casa do Conselho para mostrar que é possível e que não precisamos ser “escravos” dos padrões impostos pela sociedade que é tão excludente.

Hoje faria uma apresentação diferente, fazendo um paralelo das diferentes representações do povo africano.

Mostraria primeiro fotos de várias pessoas e em vários espaços do continente africano.

Depois pediria que escolhessem a foto que mais lhe chamasse atenção e perguntaria a cada um o porquê da escolha?

Depois perguntaria se por algum acaso poderiam me dizer de que região esta pessoa poderia ser, mostraria a região de cada foto escolhida e pediria que pesquisassem o tipo de vida daquele lugar e o que levava aquela pessoa a ter tal estilo.

Após a pesquisa, abriríamos para uma roda de conversa onde cada um expusesse sua opinião do antes e do depois, também expressassem semelhanças e diferenças com a realidade vivenciada de um Continente para o outro.

Acho que assim poderiam perceber a língua, as performances culturais e intelectuais de forma a desconstruir o que a mídia passa e o que “escutamos falar”. Descobririam que todo esse legado que fora deixado pelos nossos ancestrais, nos faz belos, sábios e tão importantes quanto qualquer outro que a sociedade nos apresenta.

Na Casa do Conselho só enfatizaria o desempenho e o resultado das descobertas de cada um em África que de repente poderia causar um sentimento de pertencimento, visibilidade e atitude. Pois os membros da casa tem uma leitura mais avançada das discussões.

# **Empoderamento e Autoestima: Educação em Foco**

**Gilmara Cristina Dos Santos**



# MÃOS TALENTOSAS



**EMPODERAMENTO  
E AUTOESTIMA**

**POR QUE NÃO ???**

# QUEM SOMOS?



# EU E MINHA IDENTIDADE





## E. E. MARIA ILYDIA RESENDE ANDRADE



## PROJETO PROFISSIONALIZANTE





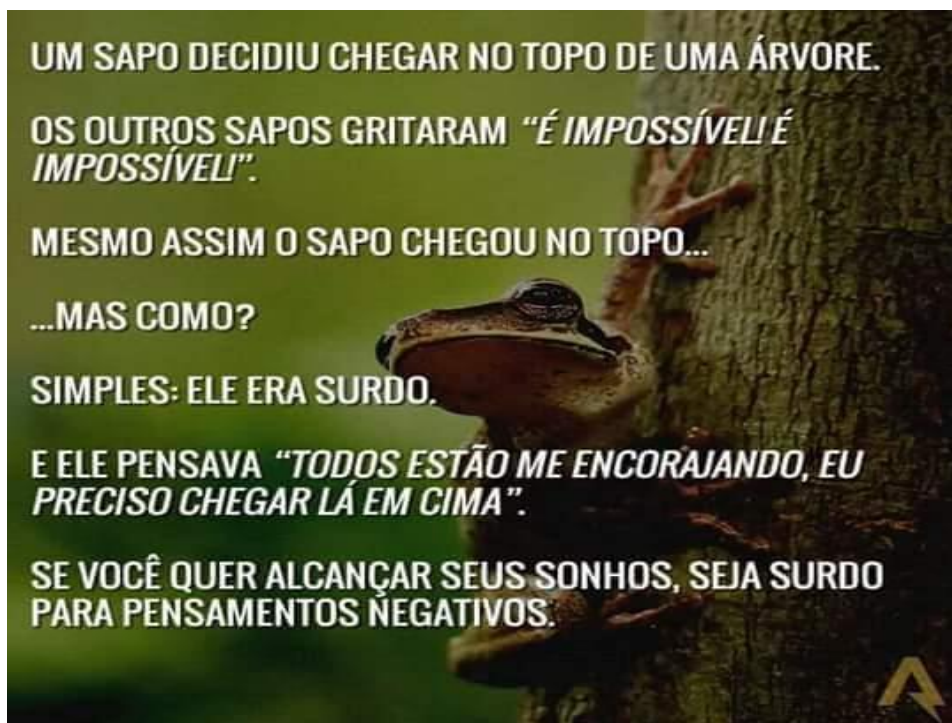
## PROJETO CULTURAL





# EU, VOCÊ E TODO UM PROCESSO...

Somos sujeitos  
históricos de uma  
sociedade em  
(des)construção



A esperança em relação ao estudo de História da África e ao impacto que este estudo pode proporcionar para a realidade social brasileira é a de todos nós.

Não um país sem problemas, mas um país com pessoas capazes de encarar esses problemas de frente e não com "soluções mágicas" e excludentes.  
(Fernando Lamas).